



## O ANJINHO QUE QUEIMOU A ASA

Era um anjinho muito bonito e parecia muito sensato. Mas tinha um problema: queria voar até ao sol. Certa manhã, levantou-se ao mesmo tempo que o astro-rei e suspirou. Como gostaria de o abraçar!

— Meu Deus, que bonito que é o sol! Brilha tanto!

— Brilha mas queima — disse a mãe.

Contudo, o anjinho era teimoso. Mal os pais viravam costas, ele tentava voar até à bola de fogo.

O ar atíça o fogo, torna-o maior, mais belo. Sob o olhar maravilhado do anjinho, o sol sentia-se mais belo e mais forte.

— Ei, anjinho, olha o que eu sei fazer!

E lá acendia ele um fósforo gigante. Ou transformava-se em bolo de aniversário com seis velas cintilantes. Ou num fogão de último modelo.

O anjinho aplaudia e tinha ainda mais vontade de se aproximar do sol.

A mãe, muito inquieta, decidiu camuflar o sol com uma boa dose de nuvens cinzentas. Mas o sol conseguia sempre aparecer. Então, os pais fecharam o pequeno anjo dentro de uma cortina de chuva para o impedir de se magoar. Mas os anjos são como as crianças: quando queremos agarrá-los, acabam sempre por se escapar.

Uma bela manhã, o sol mostrou o seu último achado: tinha-se transformado num fogo de chaminé, que o anjinho achou irresistível, com as suas chamas vermelhas e laranja.

— É bonito, é quentinho, e cheira bem! — anunciou o sol, como se estivesse a vender pão quente.

O anjinho aproximou-se do sol, cheio de fome e mais tentado do que nunca. Um passinho aqui, um passinho ali... e pumba! Uma das asas queimou-se logo e o anjinho caiu dentro de uma nuvem. Cheio de dores e a chorar, lembrou-se então da frase da mãe: “Brilha mas queima”. Para aliviar o sofrimento, mergulharam-no no oceano e embrulharam-no numa nuvem de chuva gelada. Mas a asa estava irremediavelmente perdida. Um pássaro emprestou-lhe algumas plumas coloridas que transplantaram para as suas costinhas.

Ficara bonito, mas já não conseguia voar como dantes. Nos dias de chuva, sentia dores nas plumas, provocadas pela humidade. O sol sentia-se um pouco culpado. Com o tempo, o anjinho ficou mais sensato. Quando envelheceu (os anjos também envelhecem), os netos faziam-lhe muitas perguntas:

— Porque tens uma asa tão bonita, avozinho?

— És metade pássaro, metade anjo?

— Sou um pássaro bem estranho, por sinal. Quando era pequeno, não tive cuidado comigo. Pensava que nada me podia fazer mal, nem mesmo uma bola de fogo.

E contava-lhes a história do anjinho que queimou a asa. Os netos ficavam logo sem vontade de se aproximarem do sol, embora quisessem realizar outras tropelias bem perigosas: mergulhar num oceano gelado a mil metros de profundidade, tocar o fundo mais fundo do céu, embora pudessem partir o nariz, subir para o dorso de uma águia, e outras ideias bizarras que os anjinhos têm sempre na cabeça.

— Tenham cuidado convosco — disse o avô anjo. — Depois de perder uma asa é demasiado tarde para pensar nas consequências. Deve pensar-se antes, antes de ficarmos com pena...

Depois de os netos irem embora, o anjo calçava as meias, desligava a televisão e olhava com nostalgia o pôr-do-sol. E pensava: “Espero que os meus netos não queiram ver o fogo de perto, que não engulam porcarias e que tenham sempre muito cuidado.”